

Temor de reação em cadeia ajuda México

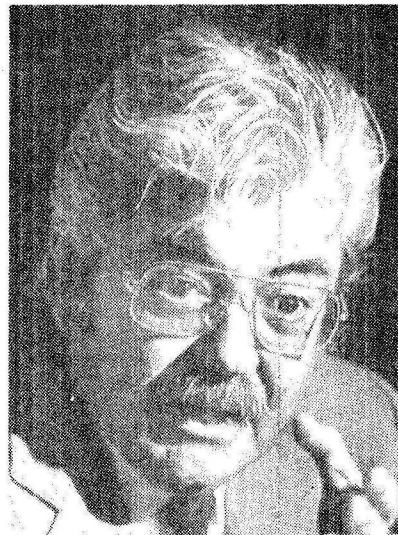
A decisão do Brasil, e o espectro de uma reação em cadeia por parte de outras nações latino-americanas, acabaram prontamente com a relutância dos credores do México, e a 24 de fevereiro o ministro da Fazenda Mexicano, Gustavo Petricioli, declarou que os banqueiros estavam "cordialmente convidados" a sacramentar o pacote numa cerimônia de assinatura a 20 de março, na cidade do México.

Era uma oferta que os credores, acossados pela recusa do Brasil, tinham de aceitar.

Curiosamente, um dos maiores beneficiários da atitude do Brasil talvez seja o próprio gigante latino-americano em dificuldades.

Economistas mexicanos e argentinos dizem particularmente que o Brasil está na situação em que esteve o México em 1982, e a Argentina em 1984. Ambos os países declararam então moratórios parciais, renegociaram suas dívidas em condições mais favoráveis e aliviaram a carga sobre o fluxo de caixa de sua receita de exportação. Brasileiros estejam escondendo cuidadosamente o seu jogo, é de se esperar que se mantenham firmes por algum tempo e finalmente encontrem um meio de reabrir as linhas de crédito que são vitais para financiar a oitava maior economia industrializada do mundo não-comunista.

O atual adversário do Brasil, a comunidade bancária mundial, é também um aliado estreito desse



Cordero, um dos beneficiados

país.

A mesma inflação incontrolável que os banqueiros lamentam criou possibilidades de lucros atraentes.

As táticas de negociações pouco convencionais transtornam a comunidade bancária internacional, mas as nações latino-americanas estão cada vez mais convencidas de que não tem outra escolha senão suspender os pagamentos e negociar melhores condições de crédito se seu tesouro estiver vazio.

A Cepal informa que após a crise da dívida mexicana em 1982, o volume em dinheiro, que os bancos deixaram de injetar na América Latina fez dessa região uma expor-

tadora líquida de capital para os países industrializados: em 1982 a América Latina exportou 18,7 bilhões de dólares, em 1983 o total disparou para 31,2 bilhões de dólares, situando-se em 27 bilhões de dólares em 1984, 32,9 bilhões de dólares em 1985 e 22,2 bilhões de dólares em 1986.

Em contraste, segundo a Cepal, a América Latina recebeu um influxo líquido de capital de 10,4 bilhões de dólares pouco antes da crise da dívida, no ano de 1981.

Duas das mais empobrecidas nações da América do Sul, Peru e Bolívia, simplesmente não resistem à pressão da dívida.

O Peru nada tem pago de sua dívida aos bancos privados desde abril de 1985, quando efetuou um pagamento de 17 milhões de dólares.

O presidente boliviano, Victor Paz Estensoro adotou um orçamento de austeridade ortodoxa e métodos econômicos clássicos, mas que não surtiram o efeito desejado. A Bolívia, prejudicada pelo declínio nos preços de seu principal item de exportação, o estanho, não tem realizado pagamentos relativos a seus empréstimos de longo e médio prazo desde abril de 1984.

O presidente do Equador, Leon Febres Cordero, um conservador pró-Reagan, nos primeiros anos de seu mandato realizou cortes na economia a fim de obter o dinheiro necessário para refinanciar uma dívida externa de 9 bilhões de dólares.